O Rio de Janeiro Gay: etnografia como possibilidade de leitura dos espaços urbanos

Marilisa Travassos, Polyana Esteves e Williana Louzada
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
mlisatravassos@hotmail.com, poly_riofesta@hotmail.com, willianabr@hotmail.com

Queremos encontrar outras formas de enunciação a respeito da homossexualidade. Falar poeticamente da homossexualidade. E por que evocamos aqui o "poetar"? Exatamente porque esse fazer nos inspira metodologicamente. O que faz o poeta se não torcer as palavras, reinventar as coisas e propor novas relações? Quem pôde transformar a lua, simples satélite, em um símbolo romântico que inspira casais apaixonados?

Queremos nos autorizar a torcer esse conceito e inventar outras formas de lidar com ele, desconfiando de questões acerca da homossexualidade como "Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?" Talvez fosse mais interessante nos preocuparmos com indagações do tipo: "Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas, através da homossexualidade?" (FOUCAULT, 1981) Isso, inspirados nos encontros com esses homens *gays*, já que eles (re)inventam práticas sexuais, criam formas de lidar com a sexualidade. Os homossexuais podem nos ensinar que as coisas não existem em si. Seus corpos, ao mesmo tempo em que se encontram em guetos à procura de iguais, representam em ato uma resistência a uma forma hegemônica de sexualidade.

Quando vamos "etnografar", queremos nos encontrar com essas formas de resistência, e fomos felizes na escolha do método, já que ele nos faz encontrar novas formas a cada vez. Pretendemos que o método etnográfico nos inspire nesse "poetar". E talvez, se coloquem para nós necessidades de produzir imagens para falar dessa pluralidade ou ainda, torcer, dobrar e amassar palavras, conceitos e imagens.

Nossa proposta é indagar sobre a produção de discursos, principalmente, os que se produzem no bojo da própria experiência homossexual masculina, inclusive, aquelas abrigadas nos discursos competentes da ciência e das mídias. Além disto, visamos estudar os enunciados fabricados ao longo da história à luz das ciências humanas e tomar tal experiência a partir do seu caráter histórico-coletivo, interpretando as possíveis "psicologizações" e estigmatizações dadas ao tema. De forma alguma pretendemos excluir a singularidade da experiência homossexual, mas não a trataremos sob uma ótica individualizante. Para isto, dialogamos com a cidade do Rio de Janeiro realizando uma leitura dos seus espaços de sociabilidade homoafetiva. Enquadrar a homossexualidade como identidade confere uma individualização da questão e um esquecimento com relação às práticas históricas que atravessam o sujeito. Esquece-se o social e os embates políticos em jogo na constituição do sujeito de prazer.

A partir das nossas investigações, entendemos a experiência homossexual como pluralidade, isenta de um caráter identitário e principalmente fruto de lutas históricas. Nos aproximamos do conceito de experiência trazido pelo pensador alemão Walter Benjamin (1993), que fala da experiência como uma relação de transcendência do biográfico no político, possibilitando-nos o entendimento da prática homossexual como contingente a um período histórico. Sob essa ótica, é dado à experiência homossexual masculina um estatuto político. Para Benjamin, a experiência traz uma noção de inacabamento do tempo histórico, ao invés de uma linearidade:

> O conceito de experiência é resultado de uma valorização da existência de coletividades humanas que não se alinham ao progresso tecnológico, por ele ser uma versão

> parcial e bárbara do que se considera como histórico. (FERREIRA, 2006, p.55)

Benjamin traz uma noção de experiência atrelada a um tempo que é constantemente retomado e reinventado. Nada se perde para a história, inclusive a história das minorias sexuais, cujo passado é representado por lutas políticas evidenciando modos de apropriação do próprio espaço social. De certa forma, quando vamos a campo, nos encontramos com a história desses que ali estão e de muitos outros que por ali passaram. É a cidade contando um passado que ela contém. Determos-nos nessas marcas, nessas minúcias ou minorias, é "escovar a história à contrapelo". (BENJAMIN, 1994, p.225)

De acordo com os estudos de Michel Foucault acerca da sexualidade, esta é fruto de uma produção histórica da Modernidade, período no qual emerge uma preocupação com o corpo sexual funcionando como dispositivo de controle médico e social. Verdades foram inventadas sobre este corpo de prazer, possibilitando inscrevê-lo como patologia sob qualquer sinal de desvio em relação à heteronormatividade. A heterossexualidade burguesa foi tomada como "natural", configurando a única experiência correta capaz de expressar o desejo sexual humano de forma saudável.

Não pretendemos fazer um comparativo evolutivo das formas que as relações se apresentaram em diferentes momentos da história, mas nos apropriamos de tais estudos para pensar na constituição do sujeito de prazer, nas formas políticas que atravessaram épocas distintas. Na presente pesquisa, nos interessam as questões políticas do "ser gay", um modo de ser que tem uma história de luta por reconhecimentos, por seu espaço. Falando das relações de poder, Foucault (1997) não diz que não deve haver um discurso médico, ou científico ou outro qualquer sobre a sexualidade, mas se preocupa com o estatuto de verdade que esses discursos assumem, distanciados da experiência.

A etnografia (método importado da Antropologia) nos permite articular história, experiência e política. Trata-se de um dispositivo de leitura dos espaços urbanos, especificamente os de sociabilidade homoafetivas. Temos por objetivo, através do método etnográfico, possibilitar um diálogo com a minoria sexual nos locais de sociabilidade, onde podemos reconhecer o caráter polissêmico e polifônico da experiência em questão. Os espaços constituem sujeitos históricos, assim como estes elaboram estes espaços.

A discussão acerca das minorias sexuais não é de ordem quantitativa, mas trata-se de um "menor" porque produz outra intensidade e não por ser submetido a algo "maior". Deleuze traz uma discussão pouco comum em relação às minorias e alega que as minorias se presentificam por sua potência criadora.

> As minorias e as maiorias não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades...Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. (1992, p.214)

A partir do movimento de importar um método antropológico para uma pesquisa em Ciências Humanas, fazemos uma problematização em ato da histórica divisão entre as Ciências Humanas e Sociais. O objeto de investigação das Ciências Humanas traz uma grande questão epistemológica, que é a do sujeito ser o próprio objeto. Quando vamos a campo para fazer uma etnografia não estamos pesquisando, de forma neutra, um movimento ou grupo social, mas inseridos em uma pesquisa de Psicologia Social,

interessados na experiência desse sujeito homossexual. Ali, misturados e atravessados pelas nossas questões, nos deixamos afetar para falarmos dessa experiência do outro. Assumimos esse lugar de sujeito e objeto a partir de um método investigativo que é uma pesquisa de campo, uma investigação *in locu*, que inclui uma produção textual, na qual essa experiência de campo estará contemplada, sendo atravessada pelos muitos sentidos e vozes do "objeto". Dessa forma, nossos textos trazem uma enunciação coletiva a partir de uma observação-participante, implicada ética e politicamente.

"Para falar dessa experiência etnográfica precisaria, de fato, ter mais habilidade com as palavras. Isso fala de uma intensidade da experiência que se distancia do campo dizível.

Num primeiro momento é a alteridade que marca aquele encontro. A cada pedaço de calçada que passava por mim enquanto eu caminhava, um novo estilo gay aparecia. Todas as imagens que me vinham à mente quando pensava em homossexualidade, estavam ali representadas. Tinham os musculosos e de aparência máscula, os travestis exageradamente exagerados, com suas plumas e paetês, os mais discretos, os transexuais, mulheres com aparência masculina, umas muito femininas beijando outras, pessoas muito bem vestidas e outras muito exóticas, do salto ao chinelo de dedo. Estavam todos ali, criando um território.

Logo na chegada, sem saber muito aonde ir ou o que fazer ali naquela rua, resolvemos lanchar! Os donos da barraca de cachorro-quente nos interessavam. Queríamos conversar, ouvi-los falando acerca daquele espaço. Mas eram tantos amigos e conhecidos que paravam ali, que embora tenhamos ficado muito tempo sentadas e bem perto, ficamos invisíveis. Nenhuma palavra além de 'quanto custa?' ou 'o meu é sem molho, por favor!'. Enquanto comíamos lentamente, tentando engolir junto toda aquela 'estanheza', uma transformista se montava atrás da barraca. Eram cílios postiços, maquiagem, meia-fina, salto e um telefone agarrado entre o ombro e a orelha, falando muito animada sobre a possibilidade de uma transformista famosa tê-la chamado de 'afilhada'[1].

Um tanto frustradas, saímos dali em busca de alguém que nos "acolhesse". Foi então que cruzamos toda a rua novamente, passando pelos shortinhos e mini-blusas, pelos *jeans* transados e camisetas de grife, por pernas cabeludas descobertas pelas mini-saias, barbas, cabelos curtos e cumpridos, e finalmente chegamos a uma outra barraca de cachorro-quente. Ali, bastante afastadas do tumulto que tomava conta da rua, mas ainda vendo o movimento e a chegada de muitas pessoas, conseguimos um pouco de atenção.

'Bem, aqui é assim toda quarta-feira. É só as lojas fecharem e ELES começam a ocupar a rua'.

Insisto em querer ouvir mais sobre o espaço e essa ocupação e pergunto se a questão da violência e do preconceito contra os homossexuais comparece ali. Ao que me responde: 'Aqui não tem disso. Hoje a rua é deles e todo mundo sabe disso. Rola de tudo aqui, eles ficam muito à vontade, ninguém mexe com eles não!'

Enquanto meus olhos ainda tocavam com muita estranheza aquela paisagem, começo a pensar que eu ali, podia ser mais uma diferença. Mas não era essa a sensação. Eu era ali, estranha, apesar dessa palavra parecer não caber ali.

E isso fica me interrogando. Por que eu me sentia fora de um território[2] marcado pela convivência da diferença?

Foi aí que comecei a pensar no que os aproximava. O que todas aquelas diferenças tinham em comum?

Era a experiência sexual minoritária.

---

[1] Estamos entendendo o sentido da relação madrinha/afilhada nesse contexto. O que sabemos é que as mais famosas adotam algumas para indicar para shows , o que é uma grande ajuda no começo da carreira, além de um reconhecimento do trabalho.

[2] Pensamos em território como um espaço que não está dado, mas que vai sendo criado. Nesse caso específico, trata-se de uma rua, onde, durante o dia, circulam muitas pessoas, uma rua de comércio popular e que num dia específico, ao cair da tarde, uma certa ocupação a transforma num outro lugar, com outras funções ou especificidades.

Lembro-me então das sensações de estranhamento sentidas em outras etnografias. Pude já falar do quanto me senti um peixe fora d'água em alguns locais pesquisados. Nessa experiência, pôde operar uma inversão. No momento que me sinto uma estranha e não estranhada pelos outros, posso pensar a sensação de estranhamento na experiência homossexual. O estranhamento comparece de uma forma ou de outra nesses encontros.

Surge aqui uma imagem que pode falar de alguma forma dessa experiência, que é o 'estranho'[3]. Uma sensação que comparece, talvez não nomeada, nem sempre clara, mas que tem a ver com uma experiência minoritária, que não é, de forma alguma menor, mas produz uma sensação de distanciamento do ideal, que não existe, se não virtualmente.

'Só o menor é que é grande e revolucionário. (...) Ter o sonho contrário: saber criar um devir-menor. (Há alguma probabilidade para a filosofia, ela que constituiu durante tempo um gênero oficial e de referência? Aproveitemos o momento em que a antifilosofia, hoje em dia, quer ser linguagem de poder).' (Deleuze, 2002, p. 54,56) "

O texto acima é um texto etnográfico. Após cada ida a campo, preparamos o texto, discutimos a experiência e articulamos os conceitos estudados nos encontros do grupo à pesquisa de campo. Também desarticulamos conceitos e propomos outros textos, a partir dos encontros e do que eles em nós suscitam.

> A experiência de campo é talvez o aspecto mais marcante da pesquisa etnográfica (...) Dirigir-se a um lugar, ficar, deter-se ali, construir uma vida, mesmo que provisoriamente, entre aqueles sobre quem se vai escrever, cultivar um dia-a-dia com eles, participar em parte do que se quer elucidar (...) Trata-se de um aprendizado (...), uma forma de pesquisar, uma atitude, um olhar, um tipo de inquietação intelectual e afetiva. (CAIAFA, p.147-148)

Utilizamos essas inquietações para pensar como o espaço citadino, rígido e hierárquico, consegue ser ocupado pelas minorias e, por isso, podemos considerar o que seja resistência e o que seja memória dos sujeitos, impregnada da presença da cidade. Podemos estranhar o presente e ter um olhar à luz da experiência presente, sobre o passado, entendendo que as memórias são reinventadas a cada evocação. Nosso propósito é apresentar, sem incorrer em dicotomias, os encontros que estabelecemos com autores e sujeitos, na tentativa de instituir espaço de estudos e pesquisas em Psicologia Social sobre questões suscitadas pelas "deambulações" da minoria "homossexualidade masculina" numa cidade plural como o Rio de Janeiro.

Quando nos encontramos com as ruas, os bares, as boates, recolhemos e captamos imagens, assim, a pesquisa etnográfica nos possibilita uma compreensão das dificuldades enfrentadas cotidianamente e das estratégias de resistência inventadas pelos indivíduos e pelas coletividades homossexuais masculinas. Trazendo a dimensão das palavras compartilhadas nas etnografias, questionamos o que daquelas cenas se perdeu e o que foi resguardado nos textos produzidos por nós. O que não pode ser transposto para o papel? Quando, em nossas narrativas, somente dez dedos se presentificaram? Cadê as outras vozes? Onde foi parar aquele ruído, aquela gargalhada, a apresentação de uma cidade?

Para converter os escritos em elementos para uma análise sensível, empregamos o conceito de Bakhtin de palavra alheia. (BUBNOVA, 2006) O autor coloca em cena o

[3] O estranhamento sai do campo da pessoalidade. O que antes era "meu" – me sentia estranhada- passa no momento desse encontro a ser deles – os acho estranhos – e nesse terceiro momento, é possível uma suspensão disso. O estranho fica no campo do "entre", do encontro, da singulariade, do coletivo. Não é meu, nem é deles, é da experiência.

conflito em que os falantes estão envolvidos e alguns subsídios metodológicos preciosos para investigações em ciências humanas que estejam envolvidas com a questão alteridade.

Nas pesquisas etnográficas, produzimos a partir dos espaços alguns fragmentos, imagens e narrativas que compõem uma perspectiva do que chamamos de experiência homossexual masculina nos locais de sociabilidade. É experiência porque inclui a cidade, a noite, os espaços; e as imagens são efeito da sensibilidade do pesquisador e do seu encontro com os outros sujeitos. Dentro de uma cidade, existem outras cidades, espaços segregados e ao mesmo tempo misturados, cujas barreiras de invisibilidade se presentificam na pluralidade da experiência. Em "Cidades Invisíveis", Ítalo Calvino (1990), descreve através de uma personagem, encontros com várias cidades. Porém, lendo a obra descobrimos que o viajante não falava de várias cidades, mas apenas de uma, Veneza.

Na experiência de leitura da cidade nos encontramos/criamos marcas/imagens que nos trarão lembranças tornando essa história algo vivo, não um passado esquecido. Essas pessoas que transitam por esses espaços de sociabilidade trazem consigo as marcas de um passado inacabado, no qual estamos interessados, e deixam também suas marcas que fazem/são história.

Transitando ainda um pouco mais por "essas cidades", nos deparamos com suas narrativas, variadas e incompletas, por meio das quais podemos compartilhar histórias e modos de existência, conhecendo as "barbies", a "bicha panqueca", os "afetados", o "vip" (viado impossibilitado de pagar). Sabemos reconhecer quando os espaços falam por si "anexo, entre aqui" (local destinado para manter livremente relações sexuais, situado numa casa noturna). Códigos estabelecidos nos locais se constroem nos gestos, "é para rir?" (o que se torna risível num lugar para uns e outros). Locais que trazem sinais de experiências apagadas e ao mesmo tempo marcas que permanecem recontando suas próprias histórias.

A existência de minorias no próprio bojo das minorias evidencia uma pluralidade, espaços delimitados pela invisibilidade, "entre dois arco-íris", na conhecida "Farme de Amoaids", reapropriação do nome de uma rua conhecida, situada em um bairro famoso da zona sul do Rio de Janeiro, de modo desqualificante, retomando um discurso médico, que possui uma história e ainda circula entre nós, reforçando a sinonímia "doença e homossexualidade".

A realização de entrevistas com os sujeitos que realizam shows nos lugares de investigação (transformistas ou performers) nos possibilitou entrar em contato com o que se produz na experiência homossexual masculina. Não se trata de imagens somente, mas de discursos sobre a experiência. O que surge como questão é o que está sendo articulado politicamente quando as falas, pronunciadas em forma de brincadeiras ou chacotas, segregam os gays da zona sul e da baixada fluminense, ou quando é dado um status desqualificante às práticas sexuais passivas. Essas falas apresentam modos de subjetividade tensionados no bojo da experiência, cuja pluralidade emerge nas contradições e embates discursivos.

Percebemos nos encontros, que o mapeamento, as configurações e os arranjos da cidade atravessam e constituem essa experiência. Há, portanto, uma íntima relação entre a história da cidade e a história da homossexualidade no Rio de Janeiro. A cidade torna-se palco e abrigo desta experiência, conferindo-lhe um estatuto histórico-político. A própria experiência traz consigo as questões desta cidade, refletindo-a através dos discursos que aparecem nas entrevistas, shows e conversas informais surgidas nas etnografias.

As entrevistas garantem o reconhecimento da enunciação de narrativas sobre a cidade e sobre a experiência homossexual masculina. Trata-se de um esforço metodológico em tornar coletivo aquilo que é falado por várias partes da experiência. Nas etnografias e nas entrevistas somos atravessados por certas imagens e discursos. Entramos com nossos olhares, nos deparamos com outros olhares que vêm de "fora", e que estão "dentro", o que contribui para pensarmos a questão da alteridade, de um encontro/abertura com/para o outro.

Bakhtin traça uma discussão sobre o "corpo grotesco", conceito desenvolvido pelo teórico que aborda uma não hierarquização do corpo na época do carnaval. Trata-se de corpo não submetido aos cuidados médicos e à política higienista, em que escatologia e prazer se misturam num mesmo nível de intensidade. Há uma suspensão do tempo cronológico (um libertar-se das amarras do relógio) e uma entrega a uma relação com esse corpo que é múltiplo, capaz de abrigar muitas "funções". Põe-se em questão uma moral burguesa heterossexual, a partir da qual todo um saber médico foi legitimado, ao nos depararmos com essa discussão. Não está em jogo uma moralização do corpo, mas uma relação que se estabelece com este corpo, relação que resiste aos discursos de normalização da vida.

> Se o corpo deve contar este gênero distintivo de tempo intemporal, ele precisa ser concebido como um tipo especial de relógio. O termo usado por Bakhtin para englobar a visão do corpo que enfatiza as mudanças na natureza por meio do comer, da evacuação ou do sexo, como opostas ao ideal estático representado nos mármores gregos clássicos, é "grotesco". O corpo grotesco é carne enquanto sítio do vir-a-ser. (CLARK, 2004, p.318)

Podemos pensar tal conceito para discutir as formas inventadas de ocupação dos espaços da cidade para obtenção de prazer, colocando em jogo experimentações do prazer e um não estabelecimento de fronteiras. Além disto, o conceito pode nos lançar a uma interpretação da experiência homossexual masculina, em determinados momentos, como uma celebração de um corpo que não é abrigado nos discursos hegemônicos, nutridos pela racionalidade médica e por hierarquias históricas entre a sede do pensamento e as partes baixas, envolvidas com funções não consideradas nobres.

A Fuga para a cidade (ERIBON, 2008) também é um texto importante, pois são exatamente esses espaços de sociabilidade que nos interessam e que precisam ser pensados como espaços exclusivamente citadinos, que surgem em um determinado momento histórico de criação e ocupação dos coletivos. O "esconder-se" nas cidades, transitar pelas fronteiras invisíveis[4], surgiu em determinado período histórico. A migração do interior para as capitais foi um movimento não muito recente, pois

> (...) desde o início e até o fim do século XIX, a reputação de certas cidades, como Nova York, Paris ou Berlim, atraía ondas de 'refugiados' vindos de todo o país e, com freqüência, do exterior, reforçando, portanto, o que os havia determinado a vir: a existência de um 'mundo *gay*', ao qual se agregavam e ao qual traziam o entusiasmo dos que acabam de chegar (p.32)

[4] Importante salientar que essas fronteiras invisíveis se presentificam a partir dos embates e tensões produzidas dentro e fora da experiência homossexual masculina

Nossa pesquisa não se constrói dentro de uma linearidade histórica, traçando um sentido teleológico, mas a partir de uma história cujo passado é inacabado, e suas memórias são evocadas a todo o momento no tempo presente. Nada é considerado perdido para a história, segundo Walter Benjamin. O autor propõe pensarmos a história a partir de um esforço filosófico de recuperar uma concepção de tempo. Os fatos conservam seu devido valor, não devendo ser atropelados e ignorados pela idéia de progresso e evolução. "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo" (BENJAMIN, 1994, p.224)

Nosso modo de pesquisa e o campo escolhido impossibilitam chegarmos a conclusões definitivas. Não é nosso objetivo definir conceitos, "modos de ser gay", mas problematizar a experiência homossexual masculina como construção histórica, como efeito de relações e embates histórico-políticos. Foucault (1981) diz que ser gay não é "identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida".

Agradecemos aos órgãos de fomento à pesquisa, CNPq e FAPERJ, que já estão pelo segundo ano financiando a iniciação científica dessa pesquisa.

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política.* SP: Brasiliense, 1993.
_____. *Rua de Mão Única.* SP: Brasiliense, 1993.
BUBNOVA, T. Bakhtin e a Antropologia Americana. In Vinte Ensaios sobre Mikhail Bakhtin. Faraco, A. e outros. Orgs. Petrópolis: Vozes, 2006.
CAIAFA, J. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. RJ: Editora FGV, 2007.
CALVINO, I. *As cidades invisíveis*.SP: Companhia das Letras, 1998.
CLARK, K. (org.). *Mikhail Bakhtin.* SP: Perspectiva, 2004.
DELEUZE, G. *Conversações*. SP: Editora 34, 1992.
_____. *Kafka: por uma literatura menor*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002.
ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay.* RJ: Companhia de Freud, 2008.
FERREIRA, M. S. *A história em Walter Benjamin.* In Ensaios sobre o pensamento contemporâneo. Tourinho, C. e outros, orgs. RJ: Proclama, 2006. p. 35-59.
_____. *A cidade como um texto: pluralismo da experência homossexual masculina no Rio de Janeiro contemporâneo.* (mimeo), 2008.
FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*.RJ: Graal,1997.
_____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. RJ: Graal, 1994.
_____. *Ética, sexualidade, política.* RJ: Forense Universitária, 2004.